

**Universidade da Beira Interior**  
**Departamento Artes e Letras**  
**Projecto Mestrado Cinema**  
**2009/2010**



# **GUIA PRÁTICO PARA A (DES)GRAÇA**

Miguel Rafael

Nº M2030

Finalista de Mestrado

Orientador: Professor Doutor Luís Nogueira

## Índice

Introdução ao guia.....	2
Objectivo inicial .....	3
Tema escolhido: Ponto de Vista.....	4
Pré-Produção.....	13
Rodagens .....	17
Pós-Produção .....	23
Conclusão .....	38

## Introdução ao guia...

(para evitar uma catástrofe cinematográfica)

Bom dia, boa noite ou boa tarde caro leitor. O meu nome é Miguel Rafael sou aluno finalista de Mestrado em Cinema e sou orientando do Professor Doutor Luís Nogueira. Ao invés de escrever um relatório sobre o meu projecto, resolvi escrever um guia prático sobre como ultrapassar as várias dificuldades na elaboração de um projecto, baseado na minha experiência. Deste modo, sinto-me muito mais à vontade e pretendo utilizar o meu tom humorístico que se enquadra também com a minha curta. Claro que não vai ser só paródia neste guia. Como tudo na vida, vai haver um lado humorado e outro sério.

Os 7 tópicos principais são:

- Objectivo Inicial
- Tema escolhido: Ponto de Vista
- -Adaptação de série para cinema
- Pré-Produção
- Rodagens
- Pós-Produção
- Conclusão

Cada um divide-se em tópicos posteriormente explicados. Espero que, com este guia, o leitor consiga verificar o que pode correr mal num projecto e que muitas das vezes não estamos preparados nem conseguimos preparar-nos para tal, devido à enorme imprevisibilidade! (Eu sei que muitas pessoas acham que não se deve utilizar o “!” em trabalhos académicos, mas a verdade é que existe na nossa pontuação e vou utilizá-lo sempre que quiser vincar o que digo. Se estiver acompanhado de sublinhado e **negrito**, então é porque quero vincar **mesmo!**)

## Objectivo inicial

Quando acabei a minha Licenciatura, tive que tomar a decisão entre ir embora da Covilhã e começar a trabalhar ou ficar mais dois anos a fazer o Mestrado em Cinema – Realização, como se chamava na altura. Optei por ficar com o objectivo principal de sair deste curso com um bom projecto final, visto que a curta que obtive na Licenciatura com o meu grupo foi um tremendo desastre! Isso sim, foi uma **catástrofe cinematográfica!** A meu ver, claro!

Com isso em mente, tentei aprender com os erros que cometi nessa altura e um deles foi não acreditar realmente nas minhas ideias e ser inseguro.

Este erro fez com que não marcasse uma posição e deixasse outras pessoas tomarem decisões que eu não gostava. Por isso no meu projecto de Mestrado acreditei no que queria/podia fazer e não andei a mudar de opinião só porque tinha receio de ser mal entendido.

Os meus objectivos principais no início deste primeiro semestre, eram:

- Realizar uma comédia
- Superar em larga distância o meu projecto de Licenciatura
- Criar uma história que cativa o espectador
- Finalizar o meu Mestrado com uma curta-metragem que me faça orgulhoso e receba os parabéns dos espectadores. (Se em cada 10, 8 pessoas gostarem, já me sinto realizado nesse aspecto. Já o meu orientador disse que é ambicioso, eu sei!)

Ao longo do tempo que ia escrevendo, muita coisa foi alterando. Objectivos colocados de lado e depois novamente em acção, como foi o caso do género da curta-metragem, que começou como comédia, passou para drama e voltou a ser uma comédia. Mas isso é discussão para o título “Pré-Produção” que vou falar umas páginas mais adiante.

## **Tema escolhido: Ponto de Vista**

- **Cinema em tempos de Democracia**

Como acontece todos os anos no projecto final de Mestrado, as curtas ou dissertações, têm que ter presente um tema previamente escolhido no início de semestre. No nosso caso, haviam várias possibilidades que foram a votos (talvez devido às legislativas terem sido nessa altura):

Causalidade.....2 votos  
Memória.....2 votos  
Ponto de Vista.....8 votos  
Elipse.....4 votos  
Baseado em factos reais.....3 votos

Depois de eu ter feito a contagem dos votos, achei piada este ser o resultado de 9 pessoas a votar! Mas, falcatruas à parte, o que interessa é que ficou decidido que o tema deste ano seria o “Ponto de Vista”. Tema este que não é tão simples quanto se pensava. Deu direito a várias reuniões e discussões. Este tema agradou-me e conseguiu dar-me dores de cabeça para adoptar a curta-metragem que já tinha idealizado (que no fundo acabei por desistir e escrever outra história!)

- **Reflexão sobre o Ponto de Vista**

No nosso quotidiano, o ponto de vista pode ser, vulgarmente, reduzido a pouco. Normalmente as pessoas falam do “seu ponto de vista” sobre algo, ou seja, a visão que têm sobre determinada matéria física ou figurativa. O que o pode ser facilmente designado por “opinião” ou juízo de gosto.

Quando falamos sobre o ponto de vista no cinema, o que as pessoas dizem de imediato é que o ponto de vista pode ser subjectivo ou objectivo. Dependendo se a filmagem é feita através do olhar de uma personagem ou na terceira pessoa, respectivamente. A primeira hipótese é utilizada com a intenção de fazer o espectador sentir-se como se fosse o protagonista e ter uma experiência mais íntima. A segunda hipótese é à base de relato de acontecimentos, esta maneira de demonstrar os acontecimentos possibilita a colocação da câmara em sítios que um humano não consegue visualizar o mundo, ou vários cortes e raccords de planos que dão uma leitura e uma panóplia de sentimentos díspares do plano subjectivo.

Um ponto de vista importantíssimo, que muitas vezes é esquecido, é o do espectador, não como juízo de gosto, mas fisicamente! É completamente diferente visualizar um filme no cinema do que numa televisão. Ainda por cima com a facilidade que temos em fazer download dos filmes pela internet, tornou-se hábito ver os filmes no computador pessoal sem a **qualidade visual e sonora** que o cinema nos oferece. No que toca a cinema, uma coisa é certa, o tamanho importa! A grandeza de uma tela não pode ser comparada à pequenez de uma televisão ou ecrã de computador. Pensemos sobre isto... No cinema é-nos oferecida uma tela com uma dimensão bastante considerável e tudo à volta está escuro para que não haja distrações (apesar de a luz proveniente do ecrã iluminar sempre alguma coisa), enquanto em casa, as pessoas vêm um filme com a sala toda iluminada enquanto enviam uma sms para alguém ou então numa viagem de camioneta através do seu portátil enquanto a pessoa ao lado está a ouvir a música alta no mp3 e o passageiro de trás vai a ressonar. O ponto de escuta também faz toda a diferença, porque

é diferente ouvir o som proveniente de um sistema de colunas com potência suficiente para fazer o banco estremecer sem perder a qualidade ou através de uns phones que o máximo que fazem é aquecer as orelhas e incomodar.

Isto não é tomado em atenção pela maior parte das pessoas, mas o ponto de vista físico do espectador faz toda, mas toda a diferença, devido à imersão dele no filme. Isto já sem falar sobre os cinemas IMAX (nos quais nunca tive a felicidade de experienciar) que têm o negativo de 70mm único no mercado com 2 vezes o tamanho do 70mm normal, para ter a qualidade visual necessária a tal proximidade do ecrã, criando assim uma imersão muito maior que um cinema normal. Ou então o cinema 3D que oferece uma experiência única e tenta melhorar a sensação de “estar dentro do filme”.

Apesar da importância **essencial** que o ponto de vista físico do espectador tem, a maioria das pessoas não se interessa porque pensa que a diferença não é assim tão grande. Como já ouvi antes *“Um filme é um filme, independentemente de onde o veja”*. Tentei demonstrar a barbaridade e disse *“Então ir ao Estádio ver um Porto - Benfica é o mesmo que o ver em casa ou no WC através do telemóvel!”* Acho que se as pessoas querem ver **ARTE** (que não abrange todos os filmes), têm que o fazer nas melhores condições.

A história que é contada num filme normalmente é demonstrada através de um ponto de vista de algum personagem ou de um grupo. Um exemplo bastante simples é o de “Cidade de Deus” e “Tropa de Elite”. Demonstram um ponto de vista da realidade através dos criminosos e dos polícias, respectivamente. Apesar de partilharem grande parte da premissa e demonstrarem a parte criminosa do Brasil, cada um demonstra algo que o outro não pode demonstrar devido ao ponto de vista da história que foi adoptado.

O modo como os enquadramentos, a edição, a fotografia, a direcção de actores foram feitas, demonstra o ponto de vista que o realizador tem. Como se sabe, o facto de filmarmos alguém num plano contra-picado demonstra a grandeza da personagem, enquanto um plano picado faz o contrário.

A montagem é onde o realizador pode definir o ritmo do filme. A mudança constante de plano transmite uma grande dinâmica enquanto uma troca mais espaçada já diminui o ritmo.

A fotografia do filme transmite sentimentos completamente diferentes. Usando o “Cidade de Deus” e o “Tropa de Elite” vemos logo a diferença entre um filme com mais saturação e um filme com pouca saturação. A primeira abordagem, apesar da beleza estética, intensifica os sentimentos; a segunda abordagem ajuda a demonstrar os factos mais “secos” e faz com que o espectador se concentre mais na história que é contada e não tanto na beleza da imagem.

O ponto de vista é um aspecto que deve ser bastante definida num realizador, para que assim ele tenha a consciência da linguagem que pretende adoptar e não estar perdido sobre as várias decisões que tem que tomar num filme. Para se fazer um filme tem que se ter consciência dos pontos de vista que já falei anteriormente e do ponto de escuta, que em cinema tem a mesma importância, mas as pessoas não se apercebem porque é difícil materializá-lo.

- **O Ponto de Vista do “Purgatório”**

Ao escrever este argumento, era necessário que o tema Ponto de Vista estivesse presente. Várias foram as reuniões com o meu orientador onde discutimos sobre a presença de tal tema na minha história. Inicialmente, defendi que o ponto de vista estava presente através das diferentes opiniões que o Tiago e o Juiz tinham sobre as acções de Tiago na Terra. Cada um demonstrava um juízo de gosto diferente. Um dizia que não tinha feito nenhum pecado, enquanto o outro continuava a condená-lo pecado após pecado. Outra abordagem do ponto de vista, era o ponto de vista do realizador (**Eu**), que demonstrava o purgatório como eu achava que poderia ser.

Após várias sessões de discussão, cheguei à conclusão que a minha abordagem do tema não era inovadora. Com a ajuda do orientador e após várias leituras sobre o purgatório, tive a ideia de que, hoje em dia, somos pessoas comuns e não merecemos o céu ou o inferno, permanecendo assim no Limbo.

Nos dias que correm a maioria das pessoas não demonstram a bondade necessária para merecerem a salvação após a sua morte, nem o mal necessário para serem condenadas. Na minha opinião, deve-se ao comodismo que as pessoas adoptaram. Muitas pessoas fecham-se muito na sua vida e por vezes em casa. O uso excessivo de internet faz também que as pessoas não tenham nenhuma atitude de louvar ou de condenar, do ponto de vista divino. Acho que ninguém merece o paraíso por aderir ao grupo no Facebook “Jesus é a salvação” ou a condenação por dizer que o criador desse grupo é parvo. São atitudes como ajudar os necessitados ou matar alguém que podem fazer a diferença. Não basta simplesmente viver para ser considerado boa pessoa. É preciso fazer a diferença!

Na minha curta-metragem, demonstro as falhas do personagem principal através dos vários pecados, mas o juiz não sabe o que fazer com ele, porque não é por dormir até tarde e ser preguiçoso que deve ser condenado, nem por ajudar, por vezes alguém, que deve ser salvo. Sendo então proposto um modo de decidir o que fazer.

Um dos porquês de eu ter dado uma chance ao protagonista para purificar a alma, foi por ter lido sobre a obra literária “Divina comédia” de Dante Alighieri, em que o protagonista tem que passar pelos diferentes círculos do inferno e purificar a sua alma de cada pecado mortal.

Outra influência foi a de ver o purgatório, não como um tribunal onde se é julgado, mas sim como um caminho de purificação.

Estas influências resultaram na ideia de fazer um julgamento que iria servir para dar a Tiago a sua primeira possibilidade de purificar um pecado.

- **Adaptação de série para cinema**

Apesar de estar num curso de cinema, as minhas maiores paixões são as séries de televisão e os sketches humorísticos. Cinema foi a minha segunda opção e decidi vir para este curso porque me dava saída profissional para várias áreas do audiovisual, não só cinema. Por isso, aproveitei este curso para atingir um outro fim. Neste caso, sou uma pessoa com formação cinematográfica que ambiciona realizar séries, sketches e quem sabe publicidade! Sketches como os do Herman em “Herman Enciclopédia” ou “Gato Fedorento” sempre me fascinaram a criar algo nesse mesmo formato, humorístico e rápido. Ou como já ouvi dizer, **“humor curto e bom!”**

Não posso deixar de sublinhar que temos realizadores de cinema a realizar publicidades fantásticas, como o caso de Ridley Scott para a empresa “Mac” ou o recente reclame da “Nike – Write the Future” realizado por Alejandro González Iñárritu. Talvez estes realizadores demonstrem que com bases cinematográficas se consegue realizar publicidades a um outro nível!

Antes de vir para a Covilhã, já via séries como “Seinfeld”, mas o facto de no meu segundo ano cá terem aparecido séries altamente produzidas como foi o caso do “Lost” e ter coincido com o tráfego ilimitado da internet, fez com que eu passasse a “consumir” mais séries. (Só um pequeno à parte: eu acho que muitas pessoas acabaram por vir para este curso depois desse ano por não conseguirem diferenciar um hobby duma paixão. Porque ver filmes e séries depois do tráfego da Internet ser ilimitado, passou a ser um enorme entretenimento.)

Colocando as conversas paralelas de parte, eu como fã do formato de série, pensei numa maneira de fazer algo relacionado no meu projecto final. Por vezes vemos um episódio de uma série que vale por uma curta-metragem ou vemos uma curta-metragem que dava um bom episódio para uma série. Eu aproveitei este pensamento e decidi realizar uma curta-metragem que valesse por si, mas que pudesse servir, também, como episódio piloto de uma série. Até no próprio cinema acontece algo do género. **Na minha opinião, os filmes com sequelas são séries cinematográficas!** Vemos o caso recente do “Piratas das Caraíbas”, “Matrix”, “Harry Potter” ou até o mais clássico “Star

Wars” que cada filme chega a ter o nome de “Episódio 1,2,3,4,5 ou 6”. Se isto não se pode denominar de séries cinematográficas, então o que será?

(a pergunta é retórica! Na minha opinião, podem-se considerar séries cinematográficas e penso que seja o melhor nome para as definir. Se realmente ainda ninguém patenteou este nome, eu vou patentear!)

Com a junção entre série e cinema, passei para o próximo passo.

- **Comédia – Um Ponto de Vista mais relaxado do Mundo**

Existem vários tipos de pessoas. Entre eles, temos os sérios (que se forem muito sérios podem ser encarados como mal-encarados, desculpem a redundância) e os descontraídos (que se se rirem por tudo e por nada, podem ser encarados como.... parvos!)

Desde que me lembro de existir neste mundo que o vejo através da comédia. Acho que em quase tudo que nos pode acontecer, podemos encontrar uma maneira de nos rirmos da situação. Isto por si só, é um ponto de vista, sendo o meu a comédia do mundo.

Atenção que isto não deve ser encarado com falta de seriedade, porque qualquer pessoa pode falar sério sorrindo. Não é preciso estar inexpressivo ou sério para falar sério.

A comédia sempre foi uma maneira de relaxar as pessoas e ajudá-las a serem felizes. Quantas e quantas não vão ao cinema e preferem ver uma comédia para se alegrarem? Quem não sai de um espectáculo de Stand-up comedy mais bem-disposto? Quem não esquece os problemas enquanto ri, e muitas vezes dos seus problemas?

Já dizia o nosso grande ícone do Humor Português:

**“Façam o favor de ser Felizes!”**

Raúl Solnado, o humorista que colocou Portugal a rir com as peripécias que contava! As suas histórias podiam ter um tema sério, mas ele demonstrava sempre o seu ponto de vista humorístico delas.

No final de um espectáculo de comédia, o que importa é que espectadores tenham rido bastante e que saiam mais bem-dispostas do que quando entraram. Este foi um objectivo que adicionei à minha lista de objectivos. Se o conseguir concretizar, então ficarei deveras realizado, porque dar felicidade aos outros através do nosso trabalho é algo bastante gratificante.

## Pré-Produção

- **Dois Ladrões e uma comédia**

Antes de começar este último ano, escrevi uma comédia sobre dois amigos que ficam sem dinheiro para pagar a renda e se não o fizerem, são despejados. A dois dias de terem que pagar a renda, decidem assaltar o antigo emprego de um deles, um centro comercial. Passavam por diversos obstáculos e as resoluções eram recheadas de humor.

Tentei encaixar e defender a presença do Ponto de Vista na curta, mas era demasiado pobre nesse aspecto. A verdade é que quando escrevi a história, pensei apenas em fazer boas situações de comédia com bons timings. Não elaborei grande mensagem adjacente à curta para que o espectador aprendesse uma lição ou algo semelhante.

O ponto de vista que me chegou a ocorrer foi o da minha visão de uma parte da sociedade portuguesa, em que os dois amigos representavam essa fracção da sociedade. Esse estrato social era definido por pessoas com pouca ambição na vida, mas que pensam que sabem mais que todos os outros. A falta de estudo, cultura e educação servem a favor, segundo eles, porque não precisam de ser educados para serem inteligentes.

Mas, verdade seja dita, eu não queria fazer nada disto. Não me considero um filósofo, nem queria falar tão a sério sobre esse tema. Prefiro parodiar (não confundir com gozar) com as situações, e o tema que foi escolhido, não era bem o que eu pretendia parodiar. Não gosto de ter que falar tão a sério das coisas, como se tivesse que existir sempre uma grande mensagem por detrás de tudo! **Às vezes as pessoas não querem transmitir uma mensagem com o que criam, mas sim um sentimento!** No meu caso, eu quero melhorar o sentimento das pessoas. Quero que se sintam melhores e mais relaxadas. Que aliviem o stress com fortes gargalhadas! Isto sim, às vezes vale bem a pena e sem a necessidade da “Grande Mensagem” teórica por detrás de uma piada.

No final, nem estou certo, nem errado. Cada um deve fazer o que mais gosta e aquilo que lhe dá mais prazer, pois ninguém é mais que ninguém e cada um é feliz à sua maneira.

Depois deste breve desabafo, continuo com o que interessa a quem quer saber como evoluiu de uma comédia para drama.

Um dia, como várias outros, estava a fazer a minha viagem para o Porto de camioneta. Como tinha bastante tempo livre (3horas e 30minutos), gastava-o a pensar em variadíssimas coisas. Mas desta vez, havia algo diferente. Estava a passar um mau bocado nessa altura “do campeonato”, como se diz na gíria. Juntando esse facto ao de já estar a desistir da minha ideia para o guião, resolvi arriscar o drama.

Já me fizeram a pergunta: *“Mas Miguel, porque é que fizeste isso?”*

Ao que eu respondi: *“Porque não?”*

Se havia uma altura para arriscar, era aquela. É nos nossos tempos como estudante que temos que correr o risco de falhar. Porque no futuro, esses riscos vêm com consequências mais acrescidas e já têm que ser mais calculados.

O drama que escrevi, era sobre um rapaz que, após a sua morte, ia para o purgatório mas tinha que voltar para a terra para impedir o suicídio de uma conhecida sua, que indirectamente a tinha levado a tomar tal atitude. Este argumento tinha como ponto de vista as diferentes visões da mesma atitude. O que o protagonista pensava que não tinha mal nenhum influenciou outra pessoa a cometer suicídio.

Após me passar a má fase da vida e voltando ao normal, comecei a ver o guião dramático como possível paródia à situação.

Tive a preocupação de dividir a história em 3 actos (2 plot points).

Primeiro acto

Demonstro Tiago ao espectador e de como vai para o purgatório, onde é julgado e pode tomar a primeira decisão. Aceita ou não o desafio dado pelo Juiz para se salvar (primeiro plot point).

### Segundo acto

Tiago tem que impedir o suicídio de Cláudia. Após matá-la sem querer, passamos para o próximo acto. (segundo plot point)

### Terceiro acto

Juiz felicita-o e saem do apartamento. Tiago fala sobre o seu bem-estar por ter passado o teste e ir para o céu. O Juiz interpela-o e diz que ainda lhe faltam 6 outros pecados para purificar.

“Vai para o céu”, “Não vai para o céu”. Estas eram duas opiniões que eu queria que fossem aparecendo na cabeça do espectador e fossem revezando entre si várias vezes. No início e até ele ir ter com a Cláudia, o espectador não sabe o que pensar. Mas quando ele consegue que ela abra a porta, há o pensamento de que ele conseguiu impedir o suicídio. Depois ela começa a tentar suicidar-se e pensa-se que ela pode conseguir. Até que ele a atira para o chão e parte-lhe o pescoço sem querer. Neste momento o espectador pensa que já tem o destino traçado e vai ser condenado. Para surpresa, o Juiz dá-lhe os parabéns e explica-lhe o porquê do seu contentamento. Quando se pensa que já está tudo bem, o Juiz diz que ainda lhe falta uma grande jornada pela frente.

- **Decisões cinematográficas**

Para esta curta decidi fazer algo que não é habitual na comédia. Câmara à mão. Pensei em arriscar esta abordagem e dar um certo dinamismo às filmagens. No purgatório a câmara está fixa mais vezes, mas em casa da Cláudia nota-se muito mais a oscilação.

Os planos foram previamente pensados e com simplicidade. Só num plano por outro é que arrisquei em colocar os planos na diagonal ou “fugir” do campo/contra campo. Para assim o espectador se focar mais na história.

A música foi pensada para ajudar no dinamismo e no ambiente cómico.

A comédia, é algo difícil de se fazer, mas esforcei-me para colocar timings e piadas no tempo certo. Não consegui produzir a obra tal e qual como tinha imaginado quando escrevi, mas estou contente com o resultado. Posteriormente, num outro capítulo, explicarei os problemas que apareceram e impediram a curta-metragem de ser melhor.

## Rodagens

Teoricamente, parece fácil... praticamente, nem tanto!

Esta é a fase que diferencia os teóricos dos práticos. Tudo o que pensamos fazer, afinal nem sempre sai como queremos. Como já dizia a minha mãe... *“Falar é fácil!”* Após falar na constituição da equipa, avanço para as rodagens em si.

- **Problemas e resoluções**

Como disse inicialmente, na prática é que se vê o quanto é difícil realizar um filme.

**Erro #1**

Actor não consegue decorar o texto

O actor que faz o papel de Juiz tem 73 anos e tinha uma enorme dificuldade em decorar os textos. Isto fez com que nos atrasássemos devido ao esquecimento das falas a meio dos takes. A melhor solução que arranjei para não perdermos tempo constantemente foi, por exemplo, no purgatório o Juiz ter o guião à sua frente, disfarçado de dossier. Assim ele podia consultar as falas quando quisesse ou ler a partir de lá. É claro que ler, não é o mesmo que representar, mas foi a melhor solução que se podia arranjar.

**Erro #2**

Não ter lâmpadas suplentes

Na cena da sala em casa da personagem Cláudia, é evidente que há planos com diferentes intensidades de luz na mesma cena. Isto foi devido a uma das lâmpadas do projector de ambiência ter fundido e não haver suplentes.

Para resolver o problema, tive que colocar outros projectores a reflectir luz, mas claro que já não ficou a mesma iluminação

**Erro #3**

Não ter ganho o Euromilhões

Gastei mais de 1000 euros para concretizar este projecto. Oxalá tivesse ganho o euromilhões para não me preocupar com o dinheiro, nem estar limitado por isso. Filmei só 4 dias por não ter dinheiro para sustentar a equipa e o elenco por mais tempo.

#### Erro #4

Não ter pilhas para o esquentador!

Por muito estúpido que pareça, duas pilhas fizeram com que as gravações se atrasassem numa manhã, pois não havia água quente para alguns elementos tomarem banho. Então tive que ir comprar para que assim as pessoas pudessem tratar da sua higiene matinal e depois trabalharem

#### Erro #5

Gravar no fim-de-semana

Este foi mais um erro do qual não pude escapar porque o actor que fazia o papel de Juiz só podia gravar no fim-de-semana. Isto resultou num problema a nível monetário no que toca a refeições. Durante a semana, toda a gente comia nas cantinas da escola, enquanto no fim-de-semana, tínhamos que comer em restaurantes, porque as cantinas da escola já não têm protocolos, como antigamente, com outros restaurantes para usufruirmos de um preço mais baixo.

- **Constituição da equipa**

Esta foi uma fase fácil a nível de equipa técnica, mas muito complicada a nível de elenco.

Quando pensei em escolher a equipa, pensei em pessoas que cumprissem as suas funções e que ajudassem num bom ambiente durante as rodagens. Para isso escolhi pessoas conhecidas e que tinha a certeza que não haveria atrito entre elas.

Para isso trouxe dois amigos de Valongo, um para a fotografia, outro para o som. Uma colega para a produção que já estudou cinema na UBI e o Miguel Miranda que frequenta o mestrado comigo. Esta equipa principal deu-se toda bem do início ao fim das rodagens e fez com que o ambiente fosse descontraído em vez de stressante, como em algumas filmagens que já participei.

O elenco foi bastante complicado e contactei bastantes pessoas até encontrar três que aceitassem o convite.

#### Erro #6

Contratar actores de teatro.

Este erro deveu-se ao facto de não ter recebido respostas positivas quando contactei actores da televisão que achava indicados para o papel. Com o tempo a apertar, comecei a falar com alguns actores de teatro que se disponibilizaram a ajudar-me e a quem tenho que agradecer. Mas a verdade é que actores de teatro têm uma enorme dificuldade em desempenhar papéis para curtas-metragens ou outras produções audiovisuais. O problema ainda foi pior por se tratar de uma comédia e os actores não estarem preparados para isso nem se sentirem à vontade em fazer algo do género.

- **Direcção de actores**

Esta foi uma fase problemática devido aos actores terem uma escola teatral. Levei 17 takes para a prestação estar próximo do que eu pretendia logo no primeiro plano das rodagens, mesmo com pequenos ensaios antes. Mas como estava limitado pelo tempo, tive que seguir para o próximo plano.

**Erro #7**

Não ter realizado ensaios 2 dias antes das rodagens.

Não posso dizer bem que foi um erro, porque a verdade é que não houve possibilidade para tal. Os actores tinham que trabalhar ou estudar, assim como também não tinha dinheiro suficiente para cobrir a estadia deles por mais tempo.

Mesmo sem os ensaios e com o tempo escasso, dirigi o melhor que consegui e tentei parecer confiante para que as prestações fossem o melhor possível.

- **Iluminação**

A iluminação foi dividida em duas partes. As cenas do purgatório e as cenas na Terra.

A iluminação no purgatório foi feita de modo a que as personagens tivessem um lado com imensa luz e o outro coberto de sombra. Apostando assim no grande contraste.

As cenas na Terra foram iluminadas de uma forma simples, tirando o maior proveito possível da luz natural. Só quando o dia começava a escurecer é que tinha que intensificar a luz proveniente dos projectores.

As cenas de exterior tiveram apenas reflectores.

## **Pós-Produção**

Após fazer a festa do fim da rodagem, dá-se com a cabeça na mesa de montagem.

Ainda não tinha começado a pós-produção, quando me aconteceu o pior problema que tive em todo o projecto:

### **O SOM DESAPARECEU DOS CARTÕES!**

Ninguém na UBI conseguiu perceber, com certeza, como tal coisa aconteceu. Mas a verdade é que os 2 cartões estavam cheios com 1Gb cada um, mas abria-se no computador e não aparecia ficheiro nenhum. O problema fica ainda mais bizarro quando o director de som diz que ouviu, durante as rodagens, algumas capturas para ter a certeza que estava tudo em ordem.

Nem com recuperadores de ficheiros conseguimos encontrar algum ficheiro de som.

Assim, fui forçado a fazer dobragens, quando nunca na vida me tinham ensinado tal, nem eu sabia como fazer!

A única salvação que tive, foi ter capturado o som com a câmara. O que me possibilitou assim ter um som de referência na edição e depois para as dobragens, visto que o som da câmara é péssimo.

- **Premiere vs Final Cut**

Optei inicialmente por editar em Adobe Premiere, porque o tenho no meu computador pessoal e assim não precisava de estar pendente do horário do Cyber, o único sitio onde tenho acesso ao Final Cut, que é das 9h às 17h (com muita pena minha).

Após capturar as filmagens para o pc e começar a editar no premiere, o som começava a desfasar gradualmente da imagem. O que devia ser impossível, visto que a câmara grava o som e a imagem em simultâneo e fica colado um ao outro.

Experimentei noutros pc's que tinham o premiere e o problema era sempre o mesmo. Após várias tentativas, como formatar o pc, fazer várias actualizações, procurar soluções em fóruns, decidi experimentar no Final Cut. Para grande felicidade minha, obtive uma óptima prestação por parte do programa da Mac. Tudo corria na perfeição.

Nesse momento decidi que iria editar em Final Cut, que até prefiro, se não tivesse que estar preso ao horário que foi implementado.

- **Problemas na captura**

Há quem diga que um problema nunca vem só. No meu caso, vieram muitos ao mesmo tempo!

As minhas filmagens ocupavam 4 cassetes HDV. Quando estava a acabar de capturar as duas últimas no Final Cut, começaram a aparecer umas linhas entrelaçadas na imagem, que fazia com que a imagem ficasse defeituosa.

A solução que tive foi limpar as cabeças do recorder e esperar que fosse por isso e não pelas cassetes!

Desta vez os “Deuses da tecnologia” sorriram-me e o meu problema resolveu-se quase a 100%. Por vezes o problema acontecia apenas por 1 segundo ou até menos num plano. Alguns só reparei quando estava a editar e isso obrigava-me a ter que capturar novamente. Enfim...

- **Dobragens**

Este foi uma fase bastante difícil do meu projecto. Nunca em toda a minha formação de cinema, me foi explicado como fazer dobragens! (Claro que também nunca me ensinaram a dirigir um actor, mas para isso fiz um workshop e é um tema para outra altura.)

Para fazer as dobragens, tive de pensar no melhor sítio e que me ficasse mais barato! Por sorte, tenho uns amigos em Valongo que têm um estúdio de música e trabalham nessa área. Perguntei se havia a possibilidade de me ajudarem a fazer as dobragens e toda a ambiência. Para meu espanto eles prontificaram-se a ajudar-me sem qualquer custo! Foi óptimo também por 2 dos actores serem do Porto e assim não precisava de gastar dinheiro em transporte para eles.

Mais uma vez, voltamos ao problema de não ter dinheiro para pagar a actores, então tive que estar sujeito à boa vontade e disponibilidade.

O primeiro actor a fazer as dobragens foi o Fernando Taborda que fazia o papel de Juiz. Tive que ir buscá-lo numa quinta-feira de manhã a Coimbra, almoçámos em Valongo e começámos a dobrar por volta das 15h.

A maneira que optámos por dobrar foi colocar um ecrã dentro da sala de gravação com a curta já editada com o som de referência, enquanto nós da parte de fora comandávamos tudo através do Cubase (programa de gravação de som). Fizemos a dobragem frase a frase e por vezes até tínhamos que dividir a mesma em 3 partes porque o actor não a conseguia decorar. Perdíamos muito tempo às vezes a acertar as sílabas com o movimento dos lábios, mas mesmo assim, algumas ficaram mal, porque o Fernando ficava cansado e tinha que estar em Coimbra às 23h.

Finalizámos as gravações às 21h e logo de seguida levei-o o mais rápido possível a Coimbra, onde finalmente jantei antes das 23h e voltei para o Porto. Este dia foi **extremamente cansativo!**

No Domingo fizemos as dobragens, com a Inês Alves que fazia o papel de “Cláudia”. Com uma jovem a fazer a dobragem, tudo se torna mais fácil,

porque ela já conseguia decorar as frases e olhava para o ecrã enquanto via os movimentos do corpo que fazia na curta e tentava recriá-los. Em pouco menos de 2 horas fizemos toda a dobragem dela e com bastante contentamento da minha parte.

Tiago Espírito Santo foi o último a fazer as dobragens. Encontrámo-nos numa Terça-feira e começámos a dobrar por volta das 14h. (Tenho a dizer que, este actor não foi escolhido por mim, mas como não tinha protagonista até uma semana antes das rodagens, uma amiga do teatro arranjou-me este actor.) Estas dobragens foram complicadas devido ao timbre da sua voz, que eu não gosto muito. E por ele me ter dito que podia gravar até às 18h, quando às 17h me disse que tinha de ir embora. Quando não pagamos a ninguém para trabalhar, não podemos exigir nada, é importante nunca esquecermos isso!

A próxima vaga que ele arranjou foi na sexta-feira, quando acabamos as dobragens em pouco mais de 1 hora. Estas dobragens não me deixaram muito contente porque a voz dele não me agrada de todo e mesmo com as dobragens ele não conseguiu melhorar muito.

Quase toda a ambiência foi gravada. Desde comprimidos a cair, de mãos a passar pelas calças, até desfolhar de folhas. Outros sons como passos e barulhos de bater na porta, foram retirados de uma biblioteca de sons que possuo.

Não ficou a melhor dobragem e ambiência que gostava, mas foi o melhor que 3 pessoas sem qualquer experiência em dobragens conseguiram!

- **Efeitos Especiais**

Apesar de alguns efeitos estarem disfarçados, eu vou apresentá-los e explicar com os fiz. Aviso desde já que também nunca me foi dada formação, no curso, de efeitos especiais. Aprendi com tutoriais que encontrei na internet.

Todos os efeitos foram realizados em Adobe After effects.

Atropelamento bonito, hã?!



Estes foram os planos que filmei para em pós-produção fazer o acidente. O pano verde serve para em pós-produção substituir a cor por transparente. Não precisei de abranger os pés também porque o carro mais próximo da câmara tapava-os.



Estes efeitos fazem-se com “camadas” e “máscaras”. Imaginem folhas de acetato. Tenho uma apenas com o actor e outra com os carros e o fundo.

Coloco a camada com os carros por baixo e a camada com o personagem por cima.

Quando o carro atinge o personagem, eu rodeio de modo a ficar numa posição plausível e depois acompanhar o movimento do carro.

Tive que desenhar depois uma máscara à volta do carro que aparece da esquerda para “dizer” ao computador que apenas aquele carro vai aparecer à frente do personagem. Tudo o resto fica atrás.

O personagem foi desfocado após o embate para assim ter a mesma dinâmica dos carros e não parecer artificial.

A explicação parece simples, mas o problema é que depois temos que lidar com “Keyframes” para definir posições dos objectos em determinado tempo da acção, assim como retirar o verde do pano sem retirar os verdes do resto da imagem.

Algo que ajudou à plausibilidade deste atropelamento, foi o efeito sonoro do embate, juntamente com a travagem.

Mais uma vez, percebe-se que o cinema é necessariamente visual e sonoro. Grande parte do público assim o exige nos dias que correm.



Como se pode reparar, fiz uma “máscara” preta à volta da Morte para que a sua cara ficasse completamente preta, porque durante as gravações, foi bastante difícil.



Este é mais um exemplo do tipo de efeito anterior. Mas nesta situação era mais difícil escurecer a cara nas rodagens devido à quantidade de luz envolvente.

Fiz o mesmo efeito quando temos o plano geral picado no purgatório e o Tiago corre para tentar fugir da Morte.

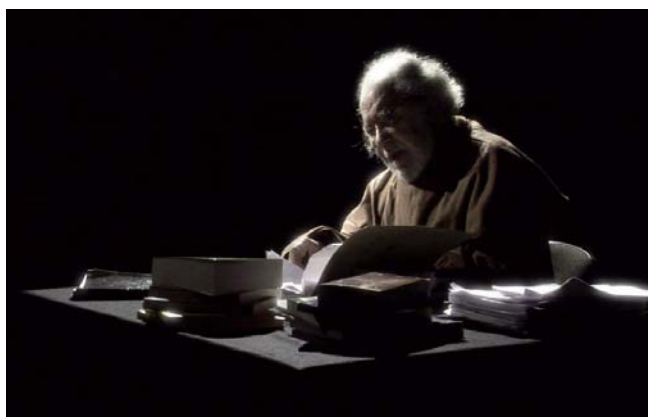


Neste plano, além da máscara, criei 2 olhos à Morte.

Para tal, isolei um “lens flare” no projecto à parte, diminuí o seu tamanho, desfoquei e diminuí a sua opacidade, para se fundir com o preto e não parecer artificial.



Este foi um efeito bastante complicado, porque tive que retirar a cara da rapariga. A única solução que encontrei, foi retirar uma parte do capuz da Morte, mas isso não faz confusão ao espectador porque ele não sabia como era anteriormente. O problema maior é que quando retirei a cara e uma parte do capuz, essa parte ficou transparente e eu tive que recriar uma parte da parede. Ou seja, a parede que substitui a parte que retirei é uma duplicação do resto da parede logo a seguir. Tive que alinhar as duas linhas da parede e já ficou perfeito.



Apesar de, inicialmente, não se notar nenhuma diferença, existe uma perche que está no canto inferior esquerdo que a retirei, mais uma vez com uma máscara.

Também fiz o mesmo no plano geral que aparece o Tiago e o Juiz.

Não posso deixar de referir um efeito sonoro muito importante que é aquele quando Cláudia cai e morre. Não consegui filmar nenhum plano em que a queda fosse plausível. Todos os takes ficaram ridículos, então eu tinha este plano B, que era de dar a noção que ela tinha caído de forma violenta. Sem este efeito sonoro, os outros planos seriam ridículos.

- **Uso da música em prol da comédia**

Nas comédias, a música costuma ser um elemento bastante presente que ajuda a criar um ambiente de humor e prepara o espectador para a gargalhada. Esta faz o espectador sentir-se bem-disposto e descontraído.

Na minha curta-metragem, a música tornou-se mais essencial devido à falta de som que tinha por me ter desaparecido o som da captação que fiz durante as rodagens. Por muito que tivesse dobrado, há sempre sons complicados de dobrar e outros que nos esquecemos e que fazem a sua diferença.

A única música que retirei de uma banda, é a primeira a aparecer no filme. Tudo o resto é de bibliotecas de som que eu tinha.

No purgatório, tentei colocar uns sons fantasmagóricos quando a Morte está presente e mesmo alguns sons para ajudarem no raccord.

Quando Tiago fala com o Juiz, a música que apela ao humor é só colocada nas partes em que ele dá respostas que provocam o riso.

Não me posso esquecer de sublinhar que a ausência de música também é muito importante e uso-a normalmente quando “Tiago” diz coisas fora do normal. Como quando encontra “Cláudia” pela primeira vez e diz que vem do céu para a ajudar! Ou quando “Cláudia” tapa a boca e diz que se está a tentar sufocar.

No momento em que o “Tiago” começa a correr para a casa do Tiago, coloquei uma música para ajudar a criar a tensão no espectador.

Quando “Cláudia” anda pela casa a tentar suicidar-se, a música foi escolhida para provocar o riso e não tensão.

- **Correcção de Intensidade e Cor**

Apesar de já se notar a diferença de fotografia nos efeitos especiais, vou mostrar outros frames do filme e falar da fotografia nesta parte.



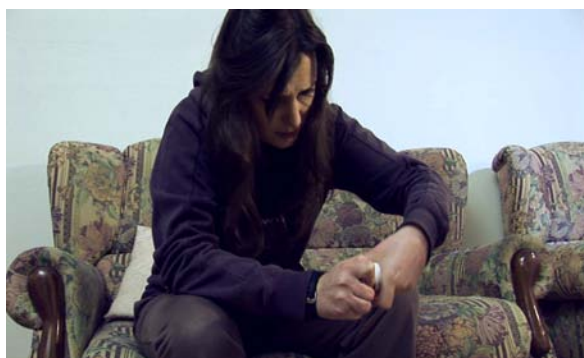
Neste exterior, optei apenas por reduzir a exposição e aumentar os contrastes para assim se perder a imagem de filme caseiro e parecer um filme de cinema. Esta correcção de cor só vem realçar o focado e o desfocado que por consequência aumenta a profundidade de campo.



No purgatório aumentei os contrastes e apliquei um “glow” que coloca o brilho nas partes que estão mais iluminadas. Assim dou um ar irreal e divino à cena em questão.



Após Tiago cair à Terra, optei por colocar os pretos mais azulados, para assim dar um tom azulado a toda a cena. Não tinha pensado isto para esta cena, mas quando estava a fazer a correcção de cor de outra maneira, experimentei esta e gostei muito mais do ar “sujo” que esta correcção me dá.



Este é apenas mais um exemplo de como a correcção de cor modificou o produto final do original.

## Conclusão

Este projecto começou a ser desenvolvido desde Outubro do ano passado. Sendo muito sincero, admito que muitas vezes achava que havia muito tempo livre para fazer outras coisas em vez de trabalhar, mas isso não significa que me desleixei. Quer apenas dizer que podia ter trabalhado mais, como qualquer estudante que gosta de desfrutar o tempo livre.

Foi uma longa e gratificante jornada! O caso crítico das dobragens, fez com que tivesse que aprender as técnicas usadas, frequentemente, no cinema.

O filme final, não era bem o que eu imaginava, porque vários contra-tempos apareceram! Como, por exemplo, a sala em que ia filmar não era aquela, mas alguns problemas apareceram pelo caminho e impediram-me de lá filmar.

Contudo, acho que tenho um bom filme, e que foi fruto de bastante trabalho, principalmente em pós-produção.

Gosto mais do guião que do filme. Isto significa que tenho que apurar mais a técnica. Com a experiência que o projecto me deu, não tenho dúvidas de que a próxima será muito melhor. Confiança é uma característica indispensável que vai fazer parte de mim de hoje em diante. A comédia é difícil de fazer, mas não é nada que não se consiga com muito esforço e dedicação.

Fiquei muito mais consciente do Ponto de Vista e da importância que a linguagem do realizador tem no seu trabalho. Isto ajudou a definir-me melhor e a evoluir como cineasta.

Ganhei mais experiência em direcção de actores, que é bastante fundamental. Como disse Francis Ford Coppola no Festival de Cinema do Estoril em 2009 *“Um filme para ser bom, precisa de ter duas coisas fundamentais. A história e os actores. O resto ajuda a melhorar.”* Pensando bem nas palavras e após este projecto, vou ser muito mais selectivo a nível de actores, assim como vou melhorar a maneira de os abordar e ajudá-los a perceber e interpretar a personagem.

Algo fundamental é a equipa, que numa próxima terá que ser maior, visto que, quando uma pessoa faz quase tudo, corre o risco de perder a sensibilidade devido a tal proximidade. Por vezes o realizador deve dar as

indicações ao editor, sonoplasta e director de fotografia e deixá-los trabalhar. Mas atenção, sempre com o controlo sobre o que é feito, porque a obra continua a ser do realizador.

Agradeço a todos os que dispensaram o seu tempo para me ajudar, sem vocês muito tinha ficado por fazer e provavelmente não haveria filme.

Um agradecimento especial ao orientador que cumpriu bem o seu papel (pressionar o orientando!), fazendo cumprir prazos, demonstrando uma abordagem diferente e mais experiente dos temas, assim como uma óptima disponibilidade e paciência.

Espero que tenham gostado do filme e se ficaram bem-dispostos após o filme, então cumpri o meu objectivo. Como já me disseram um dia:

*“Não devemos permitir que alguém saia de nossa presença sem se sentir melhor e mais feliz.”*

Esta é uma máxima que sigo, assim como tento que as minhas obras façam o mesmo!